

# CONTRIBUIÇÕES PARA DESENVOLVIMENTO DO DOMÍNIO LEXICAL

*Darcilia Marindir Pinto Simões*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) / CNPq

darcilia.simoes@pq.cnpq.br

<<http://www.darciliasimo.es.pro.br>>

**RESUMO:** Relato de estratégias de desenvolvimento do léxico discente, a partir da exploração da leitura dos gêneros textuais: técnico, crônica e conto. Parte-se da premissa de que há pobreza vocabular na expressão oral e escrita discente e que isso pode ser minimizado com práticas de leitura de textos de complexidade lexical crescente e usados como provocação à produção escrita subsequente. Trabalho de desenvolvimento das seguintes competências indispensáveis à expressão verbal: riqueza vocabular, gêneros, variedades linguísticas e adequação temática e estilística. Levantamento lexical voltado à comprovação das isotopias subjacentes aos textos, com auxílio da ferramenta digital WordSmith Tools.

**PALAVRAS-CHAVE:** Repertório. Leitura e produção de textos. Adequação vocabular. Isotopia. WordSmith Tools.

**RESUMEN:** Relato de estrategias de expansión del léxico de los estudiantes de grado, desde la explotación dos géneros: técnico, crónica y cuento. Se supone que hay escasez en el vocabulario en la expresión de los estudiantes y que ese problema puede ser minimizado con prácticas de lectura. Es explorada la complejidad léxica también como provocación para producción escrita. Se está trabajando el desarrollo de las siguientes habilidades para la expresión verbal: riqueza del vocabulario, géneros, variedades lingüísticas y adecuación temática y estilística. Se presenta un trabajo de investigación de las pruebas de isotopias léxicas subyacentes de los textos. Herramienta de procesamiento de texto: WordSmith Tools.

**PALABRAS-LLAVE:** Repertorio. Lectura y producción de textos. Adequación del vocabulario. Isotopía. WordSmith Tools.

## Refletindo sobre o problema de pesquisa

Que o conhecimento daquilo que se passa em nosso espírito é necessário para compreender os fundamentos da Gramática; e que é disso que depende a diversidade das palavras que compõem o discurso. (Arnauld e Lancelot, 2001<sup>1</sup>)

Inspirando-me na epígrafe que é o título do primeiro capítulo da “Gramática de Port-Royal”, apresento aos leitores um dos maiores problemas detectados na expressão dos estudantes do terceiro grau: *a pobreza vocabular*. Considerando minha experiência de falante e de profissional da área de Língua e Linguística, tenho convicção de que a prática de leitura cotidiana é o primeiro fator de enriquecimento de vocabulário. Ainda que se tenha conhecimento de pessoas analfabetas que, em decorrência das experiências vividas em ambientes letrados, demonstrem um domínio vocabular muito superior ao que se espera desse tipo de falante, insisto na relevância da leitura como base para o desenvolvimento lexical dos sujeitos.

Observe-se que o título que nos serviu de mote estabelece uma relação entre o que se tem a expressar como base para a compreensão da gramática e que, desses dois componentes (ideias e compreensão gramatical), “depende a diversidade das palavras que compõem o discurso” (*op.cit.*). Por conseguinte, essa diversidade torna possível uma expressão verbal proficiente, tanto no que tange à concisão quanto no que concerne à riqueza de detalhes.

Entendo a concisão como proficiência pelo fato de garantir a compreensão do texto a partir da objetividade que, por sua vez, atua como signo orientador da leitura, em função de uma marcação simplificada dos componentes do texto. Em outras palavras, não é a extensão que garante a comunicabilidade de um texto; todavia, textos

---

<sup>1</sup> Publicada em 1660 por Antoine Arnauld e Claude Lancelot, com o título «Grammaire générale et raisonnée contenant les fondemens de l'art de parler, expliqués d'une manière claire et naturelle». Traduzida ao português com o título «Gramática de Port-Royal ou Gramática Geral e Razoada».

concisos estão mais protegidos da imprecisão e dos problemas gramaticais, obviamente, a partir do menor número de signos ativados na produção dos enunciados que os compõem. Ademais, um texto pode ser conciso e rico a um só tempo, porque em sua superfície atualiza os itens léxicos suficientes para a transmissão da ideia, sem deixar de fora nenhum dado que seja indispensável à expressão/compreensão do que se quer comunicar.

No entanto, o que se tem verificado é que, a despeito do visível aumento do contato entre sujeitos e textos escritos (a partir do advento da comunicação digital), na mão contrária, surge uma abundância de instâncias informais de comunicação, das quais decorrem novos signos verbais e novas escritas, os quais não contribuem para solucionar o problema em foco: a pobreza vocabular.

Assim sendo, tenho desenvolvido estudos e pesquisas destinados à produção de estratégias de leitura que possam não só dinamizar a aquisição de itens vocabulares (ou léxicos), mas também contribuir para o desenvolvimento de competências indispensáveis à proficiência verbal, cuja avaliação se faz por meio da discussão de textos produzidos pelos graduandos. Antes de entrar a descrever o caminho que vem sendo trilhado na busca de estratégias eficientes para ampliação do repertório discente, trago ao texto palavras de NEVES, nas quais a autora tece importantes considerações atinentes às relações entre língua oral, língua escrita e sistema linguístico, sem descurar dos padrões que operam sobre essas modalidades da língua.

Veja-se o excerto:

...os fatos orais e os escritos devem integrar-se num sistema linguístico único, embora haja linguistas que considerem absolutamente sem interesse a análise da língua oral, julgando que esses dados nada trarão de novo à teoria linguística. Defender um sistema único não implica defender um sistema monolítico: com efeito (...) no nível da sintaxe as diferenças dizem respeito ao modo de produção e às condições de emprego, não ao sistema, enquanto no nível da morfologia (...) algumas diferenças

tocam o próprio sistema da língua. (NEVES, 2010, p: 152)

Concordo com o que afirma Neves e aproveito para esclarecer que persigo a seleção vocabular nos textos discentes com o intuito de orientar-lhes a seleção e a combinação dos signos em seus futuros textos, sem, contudo, promover qualquer nível de valoração dessa ou daquela variedade linguística. Ao contrário, o que busco é conscientizar-lhes as escolhas de modo que possam sintonizar vocabulário ativado, variedade linguística e gênero textual.

O trabalho que hoje realizo em classe foi construído em três momentos distintos, que se formalizaram nas pesquisas apresentadas, respectivamente, no pós-doutoramento em Comunicação e Semiótica (PUC-SP, 2006), no pós-doutoramento em Linguística (UFC, 2009) e, atualmente, nos Programas Prociência (UERJ-FAPERJ, 2009-2012) e Produtividade em Pesquisa (CNPq, 2011-2014).

Na trajetória representada pelos movimentos de pesquisa, pode-se perceber a preocupação de analisar o objeto – repertório discente – segundo mais de uma perspectiva. Busquei a Semiótica, com foco na iconicidade lexical; a Linguística Aplicada, no que concerne à Lexicologia e à Lexicografia; e ainda lancei mão de ferramenta digital – *WordSmith Tools 4.0* – WST –, frequentemente, usada na Linguística de Córpus. Essa triangulação no estudo do léxico discente tem procurado entender o processo de aquisição vocabular, quais os estímulos verbais e não verbais que possam contribuir com tal aquisição, e de que modo os textos literários e não literários podem levar os sujeitos à incorporação sistemática e progressiva de novos itens léxicos ao seu repertório. Visa-se ainda a uma incorporação lexical disciplinada, no sentido de que sejam compreendidos os enquadramentos generalizados de itens léxicos a uma ou outra variedade, a um ou outro registro gênero textual etc.

A seguir, passo à apresentação do percurso que venho praticando.

## **Primeiro momento: trabalhando com textos técnicos.**

Recolhi textos produzidos em classes de graduação no período de 2002 a 2005, com os quais construí um *cópus* de pesquisa, selecionando apenas os textos produzidos a partir da leitura de textos técnicos relacionados à disciplina que então ministrava. Em 2006, desenvolvi um projeto de pós-doutoramento que explorou esse *cópus*, da seguinte maneira (ver SIMÕES, 2007).

Usando a ferramenta *lista de palavras* (*Wordlist* do *WordSmithTools* 4.0), foi feito o levantamento de palavras presentes no *cópus*, com vistas a detectar as palavras-chave de cada texto e, em seguida, cruzar os dados dos textos-fonte com os dos textos-*cópus*. O aproveitamento das listas geradas automaticamente para levantamento do vocabulário predominante nos textos-*cópus* apoiou-se nos seguintes critérios:

- Levantar substantivos e adjetivos;
- Computar as flexões de gênero e número na condição de ocorrência do tipo, aqui tomado como a forma básica do vocábulo;
- Computar formas de participio em uso adjetivo;
- Não computar formas verbais substantivadas por oferecerem margem de erro junto às formas verbais homônimas;
- Computar palavras com o mínimo de 5 ocorrências.<sup>2</sup>

Nesse levantamento, buscou-se confrontar as listas de palavras produzidas a partir dos textos-fonte (livros técnicos lidos) com as dos

---

<sup>2</sup> “Nos inventários produzidos automaticamente para estudo dos corpora (textos-fonte e textos-*cópus*) desta tese, verificou-se que, em ordem descendente, a partir da frequência 5, os itens léxicos passavam a não representar tematicamente os textos. Daí a opção pela frequência 5 como referência” (Simões, 2007, p. 71).

textos-córpus (textos produzidos a partir dessas leituras). Nesse confronto, verificou-se haver de fato uma influência relevante entre o vocabulário usado pelos autores lidos e o manifestado nas redações feitas em classe pelos alunos. Como o acompanhamento foi feito ao longo de cinco anos, consideraram-se significativos os resultados obtidos nessa modalidade de análise.

Foram produzidas conclusões importantes nesse primeiro momento, a partir da seguinte questão:

- Como orientar estudantes de graduação na produção de textos eficientes a partir do uso estratégico do léxico português?

Partindo das tabulações produzidas pelo WST, percebeu-se que há processos cognitivos que operam a seleção vocabular em consonância com a proposta temática do texto em trabalho. Percebe-se, então, a necessidade de um treinamento tático dos falantes, para que se tornem aptos a identificar os signos e seus matizes significativos e realizar escolhas léxicas que se façam adequadas.

Também foi possível concluir que o domínio lexical implica:

- Reconhecer o grau de probabilidade de encontrar um item léxico na fala ou na escrita;
- Determinar os dois tipos de conhecimento – *frequência e colocabilidade* – a que cada item analisado diz respeito. Por exemplo, a palavra *língua* coloca-se com *portuguesa, nacional, difícil*; a palavra falante coloca-se com nativo, estrangeiro;
- Identificar os condicionamentos do emprego do item léxico de acordo com variações de função e de situação, ou variações de registro, de gênero textual;
- Pressupor conhecimento de sua forma básica (que funciona como *verbeta*) e de suas possíveis derivações e flexões;

- Descobrir e testar propriedades gramaticais e estruturais do item léxico em foco;
- Descobrir e testar a rede de associações com outras palavras da língua ou suas relações paradigmáticas. Por exemplo, a palavra *gramática* está associada a *norma*, *uso*, *fala*, *falante*, dentre outras;
- Descobrir e testar as potencialidades semânticas de cada item léxico em foco, nos planos denotativo e conotativo.

### **Segundo momento: trabalhando com crônicas**

Baseando-me no resultado dessa experiência, decidi avançar na testagem da influência do vocabulário de textos lidos, na manifestação escrita formal dos alunos. Essa produção resulta da proposta de redação em norma culta, cujo tema é uma apreciação crítica de textos literários lidos.

Substituí o texto técnico pelo literário, por considerar que a leitura técnica impregna o leitor com nomenclatura específica e rígida, enquanto o texto literário pode aproximar-se do vocabulário cotidiano, sem a precisão terminológica exigida nos escritos especializados e com a liberdade vocabular necessária à prática voltada para ampliação de repertório.

Optei pelas crônicas, por ser um gênero literário mais acessível que figura, inclusive, em jornais e revistas, opera com a norma culta sem privilegiar a erudição e dialogando com outros usos linguísticos e, por isso, aproxima-se da experiência verbal dos estudantes.

Nessa fase, lancei mão do levantamento temático (ou isotópico) dos textos em estudo. Busquei, a partir do levantamento livre de palavras-chave, reuni-las em campos léxicos – subconjuntos formados por palavras pertencentes a uma mesma área do conhecimento ou de interesse – que permitissem chegar aos campos semânticos – conjunto dos empregos de uma palavra num determinado contexto – e assim identificar temas subjacentes aos textos.

- SOBRE CAMPOS LÉXICOS E CAMPOS SEMÂNTICOS

Chama-se *léxico* ao conjunto de palavras de uma língua. Nenhum falante tem o domínio completo do léxico da língua que fala, porque, além de muito amplo, ele é um conjunto aberto, ou seja, a cada dia surgem palavras novas que a ele se incorporam e palavras que dele desaparecem.

Dentro desse conjunto podem-se observar *campos lexicais*, que são subconjuntos formados por palavras pertencentes a uma mesma área do conhecimento ou de interesse. Observe alguns exemplos de campo lexical: (1) do Direito: *mandado, arrolamento, custas, emolumentos, agravo, alçada, ementa*; (2) do futebol: *gol, pênalti, escanteio, zagueiro*; (3) da Economia: *deflação, déficit, superávit, juros, cambial*.

O léxico de uma língua é virtual. Nele buscam-se as palavras que se pretende usar nos textos a produzir. Quando uma palavra do léxico se materializa em um determinado texto, tem-se então o *vocabulário*. Dessa forma, pode-se dizer *vocabulário de Eça de Queiroz* ou *vocabulário de Machado de Assis*, por exemplo, como referência aos itens léxicos utilizados por esses escritores ao longo de sua obra. No campo lexical, em geral, explora-se a denotação; enquanto no campo semântico, surge privilegiado o sentido figurado, ou conotação.

O campo semântico de um item léxico é dado pelas diversas nuances de significado que ele assume quando utilizado. Num mesmo texto, o item *justiça* pode ser utilizado com significações diversas, como "aquilo que é conforme ao Direito", "a faculdade de julgar segundo a consciência", "o Poder Judiciário" etc. As diversas acepções que esse item abriga serão dadas por suas relações com outros itens do mesmo texto.

Essas são algumas das instruções dadas aos estudantes para que aprendam a identificar a composição lexical e semântica dos textos a partir da seleção vocabular. Chama-se a atenção para a adequação estilística, pois a confiabilidade no texto se dá também pela propriedade com que se exprimem as ideias. Em uma ocorrência



policial, pode-se encontrar a referência ao suposto praticante de um delito pelo item *elemento*; no entanto, num documento jurídico, esse item deverá ser substituído, por exemplo, por *suspeito*, *acusado* etc. Outro exemplo: é frequente o uso de *colocar* (e suas flexões) em lugar de *dizer*, *falar*, *afirmar*, *declarar* etc. Observe-se que essa transformação daquele hipônimo em hiperônimo é uma comprovação do empobrecimento vocabular.

É da máxima importância o desenvolvimento da habilidade de pesquisa em dicionários e em vocabulários ortográficos; estes para aquisição da forma; aqueles, para apreensão de significados potenciais, bem como de possibilidades de sinonímia, por conseguinte, de substituição em contextos. Trata-se de instrumentos e práticas de ampliação do domínio léxico.

Passa-se então ao trabalho com texto literário em sentido restrito.

### **Terceiro momento: trabalhando com narrativas curtas**

Desde 2009, iniciei o trabalho com os contos de Eça de Queiroz. A escolha desse *cópus* é pessoal, por um lado, e pedagógica, por outro. O motivo pessoal é o gosto pela obra de Eça; o motivo pedagógico é a crença no trabalho pautado no ludismo, e a presença da ironia nos contos-*cópus* sublinhou tal eleição. Eis a relação de contos: (1) Singularidades de uma rapariga loura, (2) Um poeta lírico, (3) No moinho, (4) Civilização, (5) O tesouro, (6) Frei Genebro, (7) Adão e Eva no Paraíso, (8) A aia, (9) O defunto, (10) José Matias, (11) A perfeição e (12) O suave milagre.

Os méritos principais dessa escolha são, no entanto, próprios da espécie literária escolhida: o conto. Este é uma narrativa tão complexa quanto o romance, com rentabilidade estética de alta relevância, no entanto, alcançada num espaço literário infinitamente menor. O conto é considerado a realização plena e ideal de narrativa, segundo os teóricos da literatura. Definem-no ainda como narrativa curta com unidade de efeito, que termina num clímax. Dadas essas características, o conto é um texto adequado ao trabalho didático de

desenvolvimento da leitura, aquisição lexical e, subsequente, produção textual, por permitir um trabalho mais rápido que o de um romance, por exemplo.

Tomado como *cópus*, o conto abre espaço para a busca lexical, que então subsidia a discussão da inteligibilidade textual segundo sua natureza e suas marcas expressivas (icônicas) e impressivas (indiciais) aparentes. Articula assim os estudos linguísticos aos semióticos.

No âmbito linguístico, as unidades lexicais tomadas como objeto de uma investigação relativa à forma e ao conteúdo fazem emergir valores de natureza semiótica e semântica. Esta vai cuidar das significações construídas e correntes no universo de um sistema linguístico; aquela vai tratar do processo de produção de sentido a partir da análise das funções-valores que os signos eleitos pelo produtor do texto adquirem na trama textual. A função lexicológico-semiótica faz das *palavras* (signos atualizados em contextos frasais) *signos evocadores de imagens*, impregna-as de conceitos (emergentes da cultura em que se inserem) por meio dos quais o redator tenta estimular a imaginação do leitor. A mente interpretadora se tornará tanto mais capaz de produzir imagens sob o estímulo do texto, quanto mais icônicos ou indiciais sejam os signos com que seja tecido o texto, pois, a *semiose* é um processo de produção de significados. O *sentido* é a resultante da interpretação de um significado emergente da estrutura textual e contextual de que participa, e o leitor (ou intérprete) procura desvelar um sentido que estabeleça a comunicação entre ele (leitor, coautor) e o autor primeiro do texto.

Nos textos literários, em virtude de sua característica polissêmica, as âncoras textuais ganham destaque; estas são tipos de palavras-chave que articulam os múltiplos temas que se potencializam na trama textual. Assim sendo, a seleção vocabular exerce função relevante, pelo fato de articular temas potenciais que subjazem ao texto.

Bréal (1992) faz relatos sobre a superioridade de uma língua que abarca novas significações para uma palavra já existente, sem, contudo, perder de vista o seu significado antigo e primário. De fato,

os novos significados coexistirão, lado a lado, com o antigo. Nesse sentido, Bréal (1992) diz:

À medida que uma significação nova é dada à palavra, parece multiplicar-se e produzir exemplares novos, semelhantes na forma, mas diferentes no valor. A esse fenômeno de multiplicação chamaremos a polissemia. Todas as línguas das nações civilizadas participam desse fenômeno; quanto mais um termo acumulou significações, mais se deve supor que ele represente aspectos diversos da atividade intelectual e social. (SIMÕES, 2009b)

O fenômeno da polissemia é um dos grandes mananciais a explorar no trabalho com a literatura *stricto sensu*. Em função da atemporalidade e universalidade, o texto literário deve ser construído a partir da qualidade plurissignificativa do signo verbal. Ao contrário dos textos informativos, o literário deve provocar a reflexão a partir da multiplicidade subjacente aos signos ativados, em decorrência de sua estruturação diagramática. Melhor dizendo: a produção dos enunciados literários parte da qualidade plural dos signos e opera sobre a estruturação frasal de modo a permitir a dúvida, a ambiguidade, o equívoco produtivo, enfim, a interpretação múltipla que se traduz na polissemia.

Em decorrência, o trabalho com textos literários do naipe das criações de Eça de Queiroz promoverá um exercício lexical capaz de ampliar e aperfeiçoar o repertório dos estudantes, além de demonstrar-lhes a importância do domínio do sistema linguístico na produção da comunicação literária, na qual poderá obter insumos para suas futuras produções, seja de leituras seja de redações.

Nessa perspectiva, explora-se a leitura dos contos ecianos e provoca-se a produção de textos críticos que discutam os contos lidos, na busca de instruções subjacentes que explicitem de algum modo às estratégias lexicais possivelmente praticadas pelo autor, no caso, Eça de Queiroz.

Estou consciente de um possível espanto pela escolha de um *córpus* literário de outro século, num momento em que se privilegia o texto contemporâneo, em especial para facilitar a comunicação entre autor e leitor, no que tange ao uso linguístico mais comum possível aos interlocutores. No entanto, minha experiência já me provou que o estudante trabalha bem com qualquer gênero e variedade desde que lhes sejam dadas instruções suficientes para realizar as tarefas que se lhes imponham.

- O WORDSMITH TOOLS (WST) NA PESQUISA DO LÉXICO

As ferramentas digitais vêm prestando excelente serviço no âmbito das pesquisas no léxico, uma vez que o levantamento quantitativo é um ótimo ponto de partida para as classificações a que se queira chegar. Segundo Araújo (2010), são três “os princípios a serem observados no processamento de textos e respectivos itens lexicais com o concurso do WST: *ocorrência, recorrência e coocorrência*”. Para tanto, os itens devem estar claros na superfície do texto, embora a ausência seja representativa. Todavia, o trabalho que se propõe opera com itens captáveis objetivamente na superfície oral ou verbal do texto. Os itens podem ser destacados do texto.

É ainda Araújo (*op. cit.*) que afirma que os itens a estudar

devem aparecer mais de uma vez, para conferir representatividade ao *córpus* e à sua análise, e devem estar na presença de outros itens, para serem mais informativos, já que, notoriamente, itens isolados são pouco representativos, especialmente em pesquisa linguística, em que a parte, sem o todo, é apenas parte.

A representatividade de uma mostra pode ser medida pelos princípios:

- Ocorrência – abordagem linguística ou semiótica que tome como ponto de partida o caráter ocorrencial do

plano da expressão, considerado na sua materialidade. (cf. GREIMAS e COURTÉS, 1974)

- Recorrência – é a iteração de ocorrências (identificáveis entre si) no interior de um processo sintagmático. A recorrência de certo número de categorias sêmicas institui uma isotopia. (id. ib.)
- Coocorrência – “designa a presença de pelo menos duas grandezas semióticas, compatíveis entre si, no eixo sintagmático”. (id. ib.)

A partir desses princípios, torna-se possível classificar os itens léxicos tabulados pelo WST, tornando-os dados representativos das ideias e dos temas que atravessam o texto.

- COMO CONDUZIR UMA ANÁLISE LEXICAL EM CLASSE?

Lido um conto trazido à turma, promove-se uma discussão em classe, da qual possam ser extraídos possíveis temas para o texto. Uma vez arrolados os temas citados, pede-se que sejam listadas (em colunas encabeçadas pelos temas) palavras do texto que possam referendá-los. Uma vez listadas as palavras, verifica-se se todos os temas propostos foram contemplados. Em caso negativo, anula-se a coluna relativa àquele que não encontrou endosso no vocabulário do conto.

Em seguida, verifica-se se existe a possibilidade de duplicação temática (temas sinônimos ou muito próximos). Em caso positivo, fundem-se estes numa mesma coluna, possivelmente com a ajuda de um hiperônimo. Então, faz-se uma varredura no quadro resultante, para verificar se há itens léxicos que se repetem nas várias colunas. Essa repetição é indispensável para que exista de fato um texto, pois aquela é responsável pela articulação dos temas, de forma polissêmica, no conto. Os itens léxicos comuns a mais de um tema, são as âncoras textuais, itens que promovem os nós sêmicos e garantem a tessitura textual.

As âncoras textuais são os grandes ícones do texto. Por isso ver-se-ão a seguir algumas breves noções sobre a iconicidade.

- ICONICIDADE, LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

As bases da teoria da iconicidade proposta por SIMÕES<sup>3</sup> (1994, 2007 e 2009a) estão na semiótica de Peirce e apresentam-se de diversas tríades. Neste artigo, estuda-se a iconicidade diagramática, a qual se funda, originalmente, nas escolhas léxicas do enunciador para a produção de seu texto; e estas, a seu turno, seriam provocadas pelo elemento deflagrador da produção, no caso, a leitura dos contos de Eça de Queiroz.

A iconicidade será tão mais eficiente (no que concerne à representação de seu objeto) quanto mais adequada for a seleção de itens léxicos (palavras e expressões) por parte do enunciador. Disso surge uma grave demanda: domínio da língua e riqueza de repertório.

Refinando o foco de abordagem, persegue-se nessa pesquisa o potencial icônico do texto verbal escrito. Busca-se, portanto, construir um modelo de análise em que o texto seja visto como imagem e observado em suas qualidades sensíveis. Por meio dessas, supõe-se serem gerados signos icônicos ou trilhas de iconicidade capazes de estimular a produção de imagens mentais gerenciadoras da semiose, da interpretação.

O ponto central de observação no objeto-texto é a presença de palavras e expressões (itens léxicos) que atuam como âncoras textuais por servirem de bússola na descoberta do sentido mais apropriado à interpretação do texto, levando em conta as condições de produção (ou da enunciação ou da leitura).

---

<sup>3</sup> SIMÕES, Darcilia. *O livro-sem-legenda e a redação*. UFRJ, 1994. Publicada em livro ——. *Semiótica & Ensino: a redação e o livro-sem-legenda*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 1996. Reeditado em CD-Rom em 2006 e com edição revista e ampliada: ——. *Semiótica & Ensino. Alfabetização pela imagem*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006. Juntam-se a estes *Iconicidade e Verossimilhanças* e *Iconicidade Verbal* (ver referências), disponíveis em <[www.dialogarts.uerj.br](http://www.dialogarts.uerj.br)>.

As aulas de língua deveriam prestigiar o estudo do vocabulário, promovendo maiores oportunidades de leitura e discussão de textos e explorando as relações possíveis entre a organização textual, as prescrições gramaticais e o potencial icônico dos textos. Isto é, explorar a faculdade dos textos gerarem imagens na mente interpretadora e, por conseguinte, ativarem processos cognitivos que podem orientar/desorientar o processo de leitura e compreensão.

Quando se fala da adequação do processo de seleção lexical, vai-se além do simples repertório do falante e busca-se chegar ao projeto comunicativo subjacente ao texto. Segundo Sautchuk (2003), a produção do texto é resultado do trabalho de um sujeito que se divide (inelutavelmente) em um escritor ativo e um leitor interno. Um e outro integrantes do duplo enunciador vão operar na construção de uma superfície textual icônica que conduza o destinatário (leitor externo) nos processos de compreensão e interpretação. E é aqui que se começa a lucubrar acerca do projeto comunicativo e de sua íntima relação com o domínio lexical do autor.

Quando se manifesta um pensamento tem-se o desejo subjacente (e às vezes inconsciente) de persuadir (cf. PERELMAN, 1996) outrem a partilhar da ideia a ser apresentada. Logo, é possível subentender que a intenção de persuadir pode sustentar-se na desinformação ou na informação errada do leitor externo, para com isso manipulá-lo e levá-lo a uma conclusão premeditada pelo enunciador. Todavia, a produção de textos com tal astúcia demanda ampla competência do enunciador, mormente quando se trata da formulação de textos literários.

Quanto à orientação e desorientação da leitura, temos formulado que o uso estratégico de ícones e índices na superfície textual decorre de mecanismos semântico-sintáticos como a anáfora, a dêixis, a colocação pronominal, as figuras de construção e de palavra etc.

No estudo dos contos ecianos, buscam-se palavras e expressões-chave nominais que possam caracterizar a presença da ironia e

que, portanto, funcionem como âncoras textuais. Tais dados deverão possibilitar a inferência das isotopias subjacentes aos contos, a partir das quais o leitor não só aprecie e passe a gostar da leitura do texto clássico, mas também amplie seu repertório verbal e enciclopédico.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Lucia Deborah. *Brasil brasileiro: o léxico e a identidade nacional*. Tese de doutoramento orientada pela Dra. Darcilia Simões. Edição acadêmica. UERJ, 2010.
- BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica*. São Paulo: Pontes/Educ, 1992.
- GREIMAS, A. J. & COURTÈS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- NEVES, Maria Helena Moura. *Ensino de língua e vivência de linguagem*. Temas em confronto. São Paulo: Contexto, 2010.
- PERELMAN, Chaïm. *Tratado de argumentação*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- SAUTCHUK, Inez. *A produção dialógica do texto escrito*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- SIMÕES, Darcilia. *Iconicidade e verossimilhança*. Semiótica aplicada ao texto verbal. Edição online. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007.
- . *Iconicidade verbal. Teoria e prática*. Edição online. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009a.
- . *Iconicidade em Eça de Queiroz: leitura para o domínio da língua*. Projeto de pesquisa em desenvolvimento. UERJ, CNPq. 2009b.